

ENTREVISTA
com
Antônio Gouvêa Mendonça

Não é todo dia que uma publicação de alunos edita seu primeiro número com uma entrevista como essa que temos aqui. Numa luminosa manhã de outono, tivemos conjuntamente com os professores Zwinglio Motta Dias e Luis Henrique Dreher, do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da UFJF, a grata oportunidade de desfrutar de um delicioso bate-papo com o professor, pesquisador, filósofo e sociólogo da religião Antônio Gouvêa Mendonça, atualmente vinculado ao Mestrado em Ciências da Religião da Universidade Presbiteriana Mackenzie, na cidade de São Paulo. Nascido em 18 de setembro de 1922, em Arealva, no estado de São Paulo, o professor Mendonça é uma daquelas raras figuras que chega aos 80 anos com uma vitalidade intelectual de dar inveja a qualquer jovem, articulada a doses fartas de experiência e sapiência. Para os estudiosos, essa entrevista traz ainda a contribuição de aclarar um pouco da história dos estudos em Ciências da Religião no Brasil, que se misturam com os anos até aqui vividos pelo entrevistado. O texto segue em linguagem coloquial, na íntegra – de outra forma perderia, em um toque, sua singularidade. Permanecem, assim, mais vivos o bom humor, a transparência e o despojamento do entrevistado, cuja história de vida nos convida agora a tomar parte.¹

O Editor

Arnaldo Huff Júnior – Professor Mendonça, gostaríamos de perguntar alguma coisa sobre sua trajetória. Mas, em primeiro lugar, queremos dizer que é uma alegria poder estar aqui com o senhor para o primeiro número da nossa revista: a *Sacrilegens*.

Antônio G. Mendonça – É? (risos)

Arnaldo Huff Júnior – É, é o nome da nossa revista.

Antônio G. Mendonça – *Sacrilegens*?

Arnaldo Huff Júnior – *Sacrilegens*, leitura do sagrado.

Antônio G. Mendonça – Vocês tem uma criatividade impressionante. (risos) A *Numen* já é muito criativa!

Luís Henrique Dreher – Graças ao Zwinglio. O Zwinglio é que foi o “pai da criança”.

Antônio G. Mendonça – Agora continua com o tema do sagrado, não é? Está ótimo então.

Arnaldo Huff Júnior – Então nós queríamos que o senhor contasse um pouco da sua trajetória, da sua história acadêmica, de vida, para gente.

Antônio G. Mendonça – Bom, o que eu acho, o que eu tenho questionado ou mesmo me perguntado é se esse vínculo familiar quase fundante da minha família, em relação ao presbiterianismo no Brasil, teria tido alguma influência. De maneira que, ao que consta pela minha tia, que ainda vive, que tem 102 anos, e minha avó, que me criou, é que eu teria sido consagrado ao ministério logo quando ela assumiu a responsabilidade por mim – porque quando minha mãe faleceu eu tinha menos de dois anos – e que isso teria me perseguido durante toda a minha vida. Aos 10 anos de idade, minha avó foi procurar meu tio, procurar lá no interior do estado de São Paulo, onde eu estava já com 10 anos e analfabeto de pai e mãe. De mãe, também porque já tinha morrido, e, de pai,

¹ Fica registrado nosso agradecimento a Jefferson Silveira Teodoro, graduando do curso de Filosofia da UFJF, pela solicitude e empenho na transcrição dessa entrevista.

porque meu pai também não se preocupou em me colocar em escola alguma, apesar de que num certo tempo de minha vida, aos 7 ou 8 anos, nós morávamos a 50 metros de uma escola, mas ele nunca pensou em me pôr na escola. Então minha avó conseguiu autorização, com muita dificuldade, para que meu pai me liberasse para ir para São Paulo estudar lá, e eu fui. Mas nunca... o meu tio não estava preocupado com ministério algum. Ele era presbiteriano de origem, mas nunca nem fez profissão de fé. Ele queria que eu fosse advogado, porque ele era funcionário público, trabalhava no juizado de menores, e achava que advogado era... (*sinaliza o deslumbramento com a profissão*) No fim, me soltaram. Nem advocacia, nem coisa nenhuma. Então eu não pude estudar Teologia, tive que me virar na minha vida e me casei. Não pude estudar Teologia. Depois houve algumas tentativas, não deu certo. Não deram certo nenhuma delas. Então eu fui estudar Filosofia, porque todo teólogo frustrado, ou quase teólogo, bandeia para a Filosofia, porque acha que é uma das mansões em que o sagrado, se não está bem dentro dela, pelo menos perpassa pelas periferias dessa mansão chamada Filosofia. Foi o Will Durant que escreveu um livro delicioso chamado “As Mansões da Filosofia”, uma coisa assim? Luís, você se lembra disso?

Luís Henrique Dreher – Acho que sim.

Antônio G. Mendonça – Esse livro me impressionou muito. A Filosofia como tendo diversas mansões e você se abriga numa delas. Então eu fui para a mansão geral da Filosofia. E naquela época os protestantes em geral, especialmente os estudantes de Teologia, que não era o meu caso porque eu não era estudante de coisa nenhuma, estudavam na Faculdade de Filosofia de São Bento, que é o núcleo da atual PUC-SP, que é uma escola fundada pelos beneditinos de São Paulo. Funcionava no Colégio São Bento, que era, ou talvez seja ainda, o mosteiro de São Bento, beneficente, de São Paulo. Eles tinham lá um curso de Filosofia e Letras. Dali eles conseguiram aquele convento lá das Perdizes e a partir dali fundaram a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras São Bento, que hoje é a PUC-SP. Então, nós protestantes íamos estudar lá para fugir do materialismo, do positivismo, da Universidade de São Paulo. Era o ateísmo da Universidade de São Paulo que víamos lá. Enfim, os católicos são cristãos, não

é? (*risos*) Melhor um católico do que um materialista positivista, igual a um João Cruz Costa... Na época tinha essa turma toda. Apesar de estar cheio de protestantes na Faculdade de Filosofia, que eles foram os grandes nomes que integraram o corpo docente nacional dos inícios da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo.

Arnaldo Huff Júnior – Em que época foi isso professor?

Antonio G. Mendonça - Na década de 50. Eu me formei lá em 1957. Então fui estudar filosofia na São Bento e estudei com dois professores notáveis. Estudei com Leonardo van Acker Lógica Formal e com Alexandre Correia História da Filosofia Antiga. Esses professores me marcaram muito, cada um ao seu modo. Alexandre Correia pela sua imensa erudição, porque como professor era ruim. Ensinando os pré-socráticos, trabalhava com três línguas ao mesmo tempo: grego, alemão (em que vinham os comentários) e português, tudo como o rosto baixado sobre seu caderninho. Quanto a van Acker, prêmio Moinho Santista de Filosofia e estrela da São Bento, vaidoso, mas excelente professor, viajei com ele pela Lógica Formal com algum sucesso. Cheguei mesmo a ensiná-la em cursos colegiais. A Lógica estabelece uma disciplina intelectual muito grande e favorece também essa preocupação sempre crescente na gente de trabalhar conceitos com clareza, de não deixar conceitos no ar, sempre lembrando aquele famoso princípio: quanto maior a extensão, menor a compreensão; quanto menor a extensão, maior a compreensão. Alguém já me acusou, amigavelmente, de fanático pela clareza dos conceitos. Meio cartesiano. Agora... foi difícil continuar na São Bento porque, primeiro, o curso era dado à tarde e eu tinha de trabalhar, segundo, que apesar de ser muito barato, coisa pequena mesmo, eu não podia pagar. Então, fui para o curso noturno da USP, ali na Maria Antonia. Van Acker usava a expressão “curso noturno” ao se referir, com ironia, ao curso da USP. USP e São Bento não “se bicavam”, ao menos no campo da filosofia. Não fiz transferência nenhuma, fiz vestibular e entrei. Já tinha mais de trinta anos nessa ocasião. Fui ser aluno de João Cruz Costa. Muito respeitado como intelectual e acadêmico, era ruim como professor, mas me empurrou um espírito crítico daqueles de balançar qualquer protestante. Tive uma crise religiosa terrível. Não

sei se posso aplicar a ele o adjetivo “positivista”, mas que tinha um espírito positivista, tinha. De vez em quando, em suas aulas, Cruz Costa resvalava ironicamente pela religião mas não ficava, vez ou outra, sem reações advindas de alguns protestantes (éramos cinco nas aulas dele) como Jorge César Mota, (que depois veio a ser professor do Departamento de História), Lauro Bretones e Petrônio Mattos Coutinho. Você deve se lembrar...

Zwinglio Mota Dias – Lembro.

Antonio G. Mendonça- O Lauro, que era batista, foi colaborador de Miguel Rizzo na revista *Unitas*. Petrônio Mattos Coutinho, meu amigo pessoal, era seminarista da Igreja Presbiteriana Independente e diretor de minha congregação. Tinha outro cujo nome não me lembro agora. Tínhamos professores protestantes também. Lívio Teixeira, professor de História da Filosofia, era filho do teólogo Alfredo Borges Teixeira, um dos fundadores da Igreja Presbiteriana Independente. Lívio não era apreciado pelos alunos talvez por causa de sua severidade e rigor, mas depois, e mais recentemente, foi reconhecido e sua memória homenageada. Lógica e Ética estavam com o luterano Lineu Schützer. Diziam que era filho de pastor. Não sei. Era também advogado. Brillhante, mas dispersivo. Anunciava o curso, dava as linhas gerais e depois se perdia divagando. Nesse tempo, precisamente em 1957, houve dois centenários: de Comte e de Kierkegaard (deste não entendi, pois que morreu em 1855). Cruz Costa deu um curso sobre o positivismo no Brasil e Lineu sobre o existencialismo. Depois Lineu anunciou um curso sobre a noção de destino na filosofia grega. Fiquei impressionado. Encheu a sala de aula. Esvaziou lá pela terceira aula. (*risos*) Recentemente me encontrei com o Prof. Lineu na Catedral Evangélica de São Paulo. Ele era terrível porque dava umas notas... Apertava muito os alunos. Dava umas notas horrorosas, sempre abaixo de 5 quando a gente precisava de 7 para escapar do exame oral.

Luís Henrique Dreher – Era luterano. (*risos*)

Antonio G. Mendonça – No mínimo, não é? As notas eram 3,5... 3,75... 3,23... (*risos*) Não se sabia como. Qual a matemática ninguém sabia. Qual a matemática

que lhe permitia avaliar uma prova de Filosofia com tanta precisão? *(risos)*
Cheguei um dia ao saguão, ali na Maria Antonia, hoje centro universitário da USP – estudei ali – para ver as notas do Lineu. Lineu Schützer, você se lembra dele, não é ?

Zwinglio Mota Dias – Lembro sim.

Antonio G. Mendonça – Estávamos ali, um aglomerado de alunos olhando a lista colada à parede e eu, de longe, não podia enxergar. Pensei: “acho que é a lista de notas...”. Então, perguntei a um colega: “Escuta, essa é a lista de notas?”. Ele respondeu: “Não, isso aqui é horário de trem”. *(risos)* Encontrei-me com o Prof. Lineu na porta da Primeira Igreja Presbiteriana Independente de São Paulo há uns dois anos atrás. Vi-o e fui cumprimentá-lo. Estava quase a mesma coisa daquela época. Não envelheceu. Tinha uns óculos grossíssimos e, se não me engano, usava ainda uma lupa para ler. No quadro negro escrevia com dificuldade. Aproximei-me dele e disse: “O senhor é o professor Lineu! Fui seu aluno, assim, assim, em tal época...”. Ele olhou para mim: “Não me lembro de você, mas você deve se lembrar de mim pela simples razão de que nenhum aluno gostava muito de mim, e quando não gosta do professor guarda sua fisionomia...” *(risos)* Para mim a coisa era simplesmente por causa das notas que ele dava. Como a maior parte dos alunos ia para o exame oral, a coisa ficava dramática. Ele arrasava com os alunos. Falava baixinho, mas quando não gostava da resposta elevava a voz e todos ouviam a descompostura. Por isso, a sala ficava cheia de gente. Tínhamos também o Prof. Joel Martins, do Departamento de Psicologia que, segundo diziam, tinha alguma ligação com o protestantismo. Nunca tive confirmação disso. Mas antes, já tinham passado por lá os huguenotes Roger Bastide e Paul Arbousse Bastide. Era, então, uma escola, que apesar de laica e pública, quase protestante. Apesar disso, os estudantes protestantes preferiam a PUC. Bem, me formei em 1957 – trabalhava durante o dia numa companhia de seguros, e isso por mais de vinte anos – e na época a IPI ordenava pessoas não formadas em Teologia, aliás uma prática comum no cristianismo... Então, em 1965, já com 43 anos, fui ordenado ministro da IPI do Brasil. Leigo, nunca tive uma aula de Teologia. E também não me meti a dar nenhuma. *(risos)*

Tenho um diploma de Teologia concedido pela Faculdade Presbiteriana Independente de Teologia, muito bonito, escrito em pergaminho com letras góticas. Na época era possível fazer a conhecida complementação filosófica. A Faculdade entendeu que eu poderia fazer, em contrapartida, uma complementação teológica. Cumpri um programa de monografias estabelecido pela Congregação e fui aprovado. Orgulho-me do diploma, mas não posso me considerar teólogo. Falta muita coisa para isso! Mas, às vezes meu nome surge aqui e ali como “teólogo presbiteriano”. Por exemplo, cito as gentilezas de meus irmãos e amigos luteranos. Tempos atrás, aparecia na abertura do *site* da IECLB na internet: “... o professor e teólogo presbiteriano Antonio Gouvêa Mendonça disse...”. Reportava-se a uma referência minha à IECLB no livro *Introdução ao Protestantismo no Brasil*. O Schmidt...

Luís Henrique Dreher – Ervino Schmidt?

Antonio G. Mendonça – O Ervino, querido amigo, naquele livro da ASTE, *Teologia no Brasil: teoria e prática*, também me citou como teólogo presbiteriano. Repito: não sou teólogo.

Luís Henrique Dreher – Desculpe intervir, mas esses dias numa aula de Filosofia os alunos me perguntaram que títulos eu tinha, que diplomas. Perguntaram: “Professor, quando é que a gente vira filósofo? É quando termina o curso de Filosofia?”. Disse: “Não, é quando nos chamam de filósofo!” (*risos*)

Antonio G. Mendonça – É, não é pelo simples fato de que você tem um diploma de algo, que você é esse algo. O sujeito conclui um curso de Sociologia e se autodenomina sociólogo. Põe no cartão de visita. Então, é a comunidade que nos outorga o título, não é?

Zwinglio Mota Dias – É verdade.

Antonio G. Mendonça – É verdade. Então, de repente a gente pode virar teólogo sem sê-lo. (*risos*) Mas aí, nessa altura, fui chamado para dar aulas no Colégio

José Manoel da Conceição, em Jandira, na Grande São Paulo. Era um colégio presbiteriano em que o Zwinglio estudou.

Zwinglio Mota Dias – Não estudei não.

Antonio G. Mendonça – Ah, não estudou no Conceição?

Zwinglio Mota Dias – Estudei no Munique.

Antonio G. Mendonça – Ah, pois é, eu imaginei que o Osvaldo Hack tinha sido seu colega lá.

Zwinglio Mota Dias – Foi meu companheiro em Campinas (*no Seminário Presbiteriano de Campinas*).

Antonio G. Mendonça- Ah, em Campinas.

Zwinglio Mota Dias – Estava dois anos atrás de mim.

Antonio G. Mendonça – Ah, sim. Mas, eu fui para o Conceição quando ele já estava agônico. Foi em 1968 e ele fechou em 1970. Uma pessoa que freqüentava a Igreja da qual eu era pastor – hoje a Primeira Igreja Presbiteriana Independente de Osasco – um empresário experiente e culto, marido de uma das minhas paroquianas, católico convicto mas que freqüentava a igreja sem nenhum problema de consciência e que me recebia dominicalmente em sua casa, me perguntou: “Pastor, quando o Sr. terminar seu ‘pastoreio’ o que o Sr. vai fazer?” (eu já estava com quase 50 anos). Pensei comigo: “Vou fazer é nada”. (*risos*) Respondi: “Não sei”. E a conversa terminou aí. Eu já tinha começado a fazer um curso de mestrado em filosofia na USP. Naquele tempo, nos inícios da pós-graduação, o ingresso era simples, principalmente para quem havia estudado lá. Então, fui à Secretaria e me inscrevi. A funcionária perguntou: “Qual é mesmo a área que o Sr. quer?”. Respondi: “Quero estudar Filosofia Antiga”. “Então o professor está aqui”, disse ela. Apareceu o Prof. Osvaldo Porchat dizendo “É

comigo mesmo!”. Perguntou: “Qual o teu tema?”. Respondi: “Quero estudar o belo em Plotino”. Era atrevimento da minha parte. Eu não estava preparado para tal empreendimento. Mas, Porchat concordou. Não conclui o mestrado mas valeu a pena o curso que fiz com ele sobre Platão. Tinha conhecimento e competência como professor. Aulas vibrantes. Chegamos até a fazer algumas representações de diálogos de Platão! Como meu grego era praticamente zero, mandou-me fazer grego instrumental com o Prof. Henrique Murachco, do Departamento de Letras. Apresentei-me e ele perguntou: “Você é pastor?”. Diante da afirmativa ele disse: “Muito bem, os pastores gostam de estudar grego... outros, às vezes...” (*risos*) Tinha sobre a mesa uma tradução que estava fazendo de uma carta de Clemente, se não me engano. Outro grande professor, não somente professor, mas amigo dos alunos. Fiz um curso sobre “O Jovem Marx” com o Rui Fausto. Estava na moda a tal segunda leitura de Marx a partir dos Manuscritos de 44. Foi bom. Aí, aconteceram duas coisas que me fizeram interromper o curso: o impacto do AI-5 que provocou uma debandada dos professores, inclusive do Porchat, e o confronto entre os alunos da USP com os do Mackenzie. Cheguei um dia para a aula e encontrei o prédio da Maria Antonia depredado e ocupado pelos alunos. Anos depois, sabendo que o Porchat voltara, procurei-o com a intenção de continuar a estudar com ele. Então, ele disse: “Agora passei para a Lógica”. Como não estava interessado na Lógica e ele deixou-me entrever também que só tinha uma vaga e ela já estava reservada para outro candidato, desisti de vez da Filosofia.

Arnaldo Huff Júnior - Isso já era nos anos 80, quando ele voltou?

Antonio G. Mendonça – Já era depois dos anos 70, a ditadura militar já arrefecia. Bem, aí eu já estava dando aulas na Faculdade de Filosofia de Santo André (Fundação Santo André) e era colega de alguns professores da USP, um ou outro ainda em início de carreira. Naquele tempo do *boom* de escolas superiores no Brasil, a gente sem pós-graduação alguma podia dar aulas nelas. Era o meu caso e eu sabia que era por pouco tempo. Neste ponto pensei: “Ou entro de vez na carreira universitária ou não sei o que fazer. Voltar para o magistério secundário não dá, não tenho mais ‘pique’...Veio-me à memória a

pergunta do meu amigo lá da igreja. Voltei à Faculdade com outra idéia: a de estudar o protestantismo e encontrar as brechas que favoreceram sua inserção na sociedade brasileira, num país de cultura católica e assim por diante. Pensando em passar para a Sociologia procurei o meu antigo colega de Santo André, o Teófilo Queiroz, já integralmente na USP em Antropologia, e pedi-lhe que me ajudasse a encontrar o caminho. “Sociologia da Religião é com o Duglas” (*Duglas Teixeira Monteiro*), respondeu Teófilo. Levou-me à sala do Duglas e me apresentou a ele. Resposta do Duglas: “Há um edital ali na porta para o exame de seleção que será terça próxima. Você pode ir à Comissão de Pós-Graduação e se inscrever”. Era sexta-feira à tardinha! Aí, olhei o edital, meu amigo...a bibliografia para o exame era simplesmente esta: umas 800 páginas compostas por Durkheim, *As formas elementares da vida religiosa* e Marx e Engels *Sobre a religião!* Fui à sala da Comissão, me inscrevi e saí dali correndo para o centro da cidade para comprar os livros, e nem tinha dinheiro! Me virei com amigos, um deles o Ivan da Livraria Ler, da qual muitos alunos da Faculdade eram fregueses “de caderneta”, e passei aqueles três dias lendo...ao fim nem lia mais, só via aquelas letras dançando na minha frente, já não entendia mais nada. (*risos*) Terça-feira fui para o exame. Havia, lembro-me bem, vinte e quatro candidatos na sala, entre eles o Carlos Rodrigues Brandão. Eram quatro as vagas, agora três porque não havia como competir com o Brandão. Pensei comigo: “Não tenho a menor chance”. Mas, ocorre que a Filosofia amiga me ajudou porque o Duglas colocou no quadro uma única questão, mais ou menos esta: “Comparar, na questão da religião, Marx e Durkheim” . Pude valer-me de conhecimentos anteriores e consegui escrever umas sete ou oito páginas, sabe? E consegui entrar! (*risos*) Entramos eu, o Brandão naturalmente, um padre que se tornou meu amigo, o Mariano Baraglia (por onde andar o Mariano?), e outro, cujo nome não me lembro e que, parece, desistiu do curso. Até hoje não acredito ter me saído bem daquela disputa. Comecei a freqüentar os cursos no primeiro semestre de 1976 e no primeiro de 1978 fiz o último curso com o Duglas. No segundo semestre de 1978 ele faleceu. Não cheguei a escrever uma linha da dissertação com o Duglas. Foi tudo feito já com o Lísias Nogueira Negrão. Quando a dissertação estava bem adiantada propus ao Lísias que me ajudasse a deixar para trás o mestrado e transformar a dissertação em tese de doutorado.

Argumentei que já estava com quase sessenta anos e precisava muito do título. Ele aceitou e defendi a tese em novembro de 1982. Acho que o Lísias nem imagina o bem que me fez! Nesse ano de 1982 eu já estava dando aulas na pós-graduação da Metodista sem nem mestrado! (risos) Como foi possível não sei. Só sei que o Prócoro (*Velasques Filho*) confiou em mim e teve a coragem de enfrentar o Bittencourt (*Benedito de Paula*), que era então o Diretor Geral da Metodista, que certamente deve tê-lo interpelado mais de uma vez. Imagino o alívio (silencioso) do Prócoro quando lhe entreguei, nos primeiros dias de dezembro daquele ano, o certificado de defesa de tese... De passagem, registro aqui minha homenagem à memória desse grande amigo pessoal e companheiro intelectual com quem tive a honra de compartilhar um livro. Fiquei vinte e três anos na Metodista (*Universidade Metodista de São Paulo*). Em 1990 coube-me coordenar o Curso de Pós em Ciências da Religião. Nesse tempo, concluímos com o pessoal da Escola Superior de Teologia da IECLB, São Leopoldo-RS, uma parceria, isto é, o Instituto Ecumênico de Pós-Graduação (*IEPG*). A parceria durou três anos. Depois não conseguimos mais caminhar juntos, e as causas foram as mais naturais possíveis. Em primeiro lugar, havia uma assimetria entre as duas instituições; uma era eclesial, uma igreja, e outra universitária com uma autonomia maior. Segundo, o maior volume de recursos para a manutenção do IEPG provinham da área luterana. Parte da própria Confederação Luterana. É Confederação ou Federação?

Zwinglio Mota Dias e Luís Henrique Dreher – Federação.

Antonio G. Mendonça – Federação Luterana. E boa parte da *Missionswerk*, de Hamburgo. Fui lá, levei o projeto do IEPG para o Dr. Lothar Engels. Eles nos deram 100 mil dólares. O total previsto pelo projeto era 300 mil, sendo a proporção entre o dólar e a moeda brasileira “de plantão” de 1 por 7. Você fazia um projeto para três e dava para sete às vezes. Mas, os 300 mil pretendíamos que fossem completados através da Federação Luterana, de agências ecumênicas, como a *Missionswerk*, da Igreja Re-Reformada da Holanda e da *Entraide Protestante*, de Lausanne, assim como da Aliança Reformada...

Luís Henrique Dreher – World Alliance of Reformed Churches.

Antonio G. Mendonça – É. Resultado: não conseguimos nada disso. Mas, a *Missionswerk* nos deu 100 mil, deu um terço. Só que tudo tinha que passar pelo *hall* da IECLB. Normal, não é? Isso. Quer dizer, todas as organizações devem passar pela Igreja no Brasil. Então complicava um pouco essa tramitação e aí decidimos, para o bem de ambas as partes, que nos separássemos. Então, foi criado um Conselho do IEPG em São Leopoldo e permaneceu um Conselho em São Bernardo do Campo. O Rev. Abival Pires da Silveira, então presidente do IEPG único, eu e o Milton Schwantes, fomos a São Leopoldo para a posse do novo Conselho. Assim, continua até hoje: um em São Leopoldo e outro em São Bernardo do Campo. O Paulo Nogueira, quando coordenador do Curso da Metodista, andava pensando em mudar o nome do IEPG para Instituto Ecumênico de São Paulo. Como saí do Conselho, creio que em 1997, não sei como está agora. Acredito que, embora a parceria tenha durado pouco, foi benéfica tanto para São Bernardo como para São Leopoldo. Trocamos experiências, professores... O Weber foi um dos nossos professores convidados... ficou seis meses na Metodista...

Luís Henrique Dreher – Bertoldo?

Antonio G. Mendonça – É. Ele e a senhora dele moraram no campus da Metodista. Íamos assim, participávamos de bancas lá, eles aqui, foi bom... Publicamos alguma coisa em conjunto. E valeu a pena. De maneira que os dois cursos protestantes têm uma trajetória boa. São Leopoldo é o que hoje tem conceito da CAPES maior; a Metodista vem logo atrás com conceito 6 (*a avaliação da CAPES concede conceitos de 1 a 7*). Repito que o período de parceria foi bom, embora um pouco complicado por causa das relações entre Prócoro e a Igreja. Não cheguei a entender bem o porquê das dificuldades entre ele e a Igreja. Seria porque ele era um grande liberal? Mas isso entre os metodistas nunca me pareceu trágico, não é *tão* trágico. Vocês sabem disso. É trágico, às vezes, para outras alas do protestantismo...

Zwinglio Mota Dias – Ah, é! (*risos*)

Antonio G. Mendonça – Mas ele era um grande crítico da Igreja. Não tenho muita certeza do que estou dizendo, mas parece que a vinda do Prócoro para a Metodista teve causa indireta. Parece que em dado momento, a Faculdade de Teologia passou a fazer parte do grupo de faculdades que compunham a Federação de Escolas Superiores do ABC mantidas pelo Instituto Metodista. Nesse caso, Prócoro teria vindo como diretor da Faculdade de Teologia. Acho que nesse momento ele estava em Santa Maria, no Rio Grande do Sul. Prócoro era gaúcho.

Luís Henrique Dreher – Ah, o Prócoro é? Não sabia.

Antonio G. Mendonça – Gaúcho. Tinha se doutorado em Teologia em Estrasburgo com Roger Mehl. Depois passou pela Suíça, por uma escola reformada...

Zwinglio Mota Dias – Neuchâtel?

Antonio G. Mendonça – Acho que sim. Neuchâtel. Ele estudou lá um certo tempo. Prócoro estudou na Europa com Reformados. Acho que ele não deixava de ser um Reformado também. Parece-me que Julio de Santa Ana é outro...

Zwinglio Mota Dias – É. É outro.

Luís Henrique Dreher – Calvinistas liberais...

Antonio G. Mendonça – Liberais. É, calvinistas de livre arbítrio, ou coisa assim... (*risos*). Calvinistas de livre arbítrio é estranho, não é? Mas tem... Acho que é o tempero do espírito tolerante...

Zwinglio Mota Dias – Tem, ué! “Têmo nós aí”... (*risos*)

Luís Henrique Dreher – Corta!... (risos)

Antonio G. Mendonça – Pula pra frente... (risos) Mas é. Voltando ao Prócoro. Parece que houve algum desentendimento e alguns professores demitiram-se. Como davam aulas nas Faculdades, abriram-se algumas vagas. Numa delas, na Faculdade de Comunicação, eu entrei indicado pelo Maraschin. Fui contratado pelo Luís Boaventura, que era o diretor. Parece que peguei as aulas do Eli...

Zwinglio Mota Dias – Eliéser Barreto.

Antonio G. Mendonça – Isso, o Eliéser. E lá comecei essa trajetória de 23 anos. Devo muito aos metodistas porque me acolheram fidalgamente, nunca houve uma vírgula de censura a nenhum de nós. Eu estava numa zona limítrofe... Foram 23 anos felizes. Dentro dos meus estreitos limites, realizei-me na carreira. Saí de lá quando os amigos do Mackenzie me convidaram para um novo desafio. Desafio com o sol na fímbria do horizonte...

Armando Érico Huff Júnior – 99?

Antonio G. Mendonça – Não, agora em 2001. Eles decidiram criar um mestrado em Teologia na Universidade Presbiteriana Mackenzie e me convidaram para assessorá-los. Comecei a trabalhar como assessor em maio de 2001. Depois de o projeto aprovado pela CAPES, pedi demissão da Metodista e passei definitivamente para UPM, onde estou até agora. No fim de minha carreira peguei uma coisa nova, não é? Difícil... visão diferente... Mas, estamos indo... enquanto as pessoas que me convidaram estiverem lá. Depois, não sei. Essa é uma trajetória paralela à eclesiástica. Minha carreira eclesiástica foi curta. Pastoreei doze igrejas na minha vida. O tempo que mais fiquei em uma delas foi seis anos. Depois parti de uma vez para a vida acadêmica. Antes fui reitor da Faculdade de Teologia da Igreja Presbiteriana Independente ao mesmo tempo que fazia a pós-graduação. Entrei como professor na Faculdade em 1970. Tinha 48 anos. Meu ingresso como professor nessa escola de Teologia foi interessante, engraçado

mesmo. Tão circunstancial que tem muita graça. Houve um congresso daquela organização do Billy Graham, cujo nome não me lembro, mas sei que foi lá, em Bogotá, que surgiu a Fraternidade Teológica da América Latina. Foi um congresso de grandes pregadores “evangelicais”. Um deles era Antonio Elias. Estava presente a nata do movimento “evangelical” latino-americano. Estávamos lá, o falecido Daily Rezende França, então presidente do Supremo Concílio da IPI do Brasil, o Rubens Cintra Damião, então reitor da Faculdade de Teologia e eu, 2º secretário da Mesa do Concílio. O Daily, como eu, havia estudado Filosofia na USP e dava todo o elenco filosófico na Faculdade. Dava Lógica, Metafísica, História da Filosofia, Ética... O que estava sobrando era a Sociologia. Essa ele não queria. Eu tinha tido um ano de Sociologia no meu curso na USP. Fui aluno de Florestan Fernandes, que Deus o tenha!... também de FHC... (*risos*), que nos mandou esquecer o que tinha escrito. Muitos de nós, estudantes na época que antecedeu a ditadura, acreditamos na teoria da dependência e alguns sofreram por isso. Em plena ditadura, alguns foram perseguidos, presos e outros tiveram de fugir. Eu não, mas fui testemunha de alguns desses casos. E, de repente, ele se candidata e diz: “esqueçam o que escrevi!”. O Celso Furtado, por seu lado, criticou duramente o sistema e trabalhou pelas chamadas “reformas de base”, mas agüentou as pontas e não renegou o que escreveu. Então, muitos de minha geração ficaram bravos com essa história. Fui também aluno do Otávio Ianni. Então, conversando com o Rubens e o Daily, em Bogotá, comendo aquela cestinha de frango com mandioca... que era o que a gente sempre comia porque a comida do congresso era.... De repente, diz o Rubens: “Nós temos aquela cadeira de Sociologia que ninguém quer... está lá...” (*risos*) O dono dessa cadeira tinha sido o prof. Aquiles Archero, que se aposentara.. Continuou o Rubens: “Ninguém quer essas aulas de Sociologia. Como é que vamos fazer com os alunos? Eles estão prestes a se formar e não tiveram Sociologia. Que tal a gente levar o Mendonça?”. Ninguém quer, chama o Mendonça... (*risos*)

Luís Henrique Dreher – Assim é que foi, não é?

Antonio G. Mendonça – “Ô Mendonça, você topa?”. Respondi: “Olha” - eu estava naquele tempo no JMC (Instituto José Manoel da Conceição, em Jandira)

– “eu só tenho os sábados, não tenho outro dia de manhã”. Rubens respondeu que se entenderia com os alunos. Eu fui e fiquei até 1978. Fiquei de 70 a 78. Veio a morte súbita do Daily, em 1971, e fiquei com todas as Filosofias. Fiquei o papa da Filosofia na Faculdade! (*risos*) Ensinava tudo, Lógica, Metafísica, Teoria do Conhecimento...

Luís Henrique Dreher – Filosofia Antiga em geral.

Antonio G. Mendonça – Filosofia Antiga, Filosofia Moderna.

Luís Henrique Dreher – Tudo... (*risos*)

Antonio G. Mendonça – Chutava em todas as direções. (*risos*) Rubens Damião, que estava há muitos anos como reitor, desejava sair e insistia comigo para que concorresse ao posto. Disse a ele: “Rubens, nem sou formado em Teologia e ser reitor da Faculdade?”. Resposta dele: “O que importa é o que diz o Regimento e nele a única exigência é que o professor seja membro do corpo docente há, pelo menos, cinco anos”. Resultado: caí na reitoria. Aqui vi-me na contingência de uma reforma necessária; a Faculdade passava por forte crise de credibilidade perante a Igreja e que se refletia diretamente sobre os alunos e sobre todo o resto. Internamente, a Faculdade apresentava graves problemas de funcionamento acadêmico e administrativo. A biblioteca estava fechada com cadeado... não havia bibliotecário. Parecia que era proibido ler... (*risos*) Havia professor que em outubro dizia: “Terminei o programa”, e não aparecia mais. Mas, não havia programa algum registrado na Secretaria. Ninguém entregava programa, qualquer plano de estudos. Outro simplesmente viajava para o exterior sem avisar quem quer que fosse. A coisa era assim. Era uma escola doméstica. Felizmente, o Rev. Abival Pires da Silveira foi eleito presidente da Fundação Eduardo Carlos Pereira, que é a mantenedora do ensino teológico na minha Igreja. Ou era, não sei como está agora. Então, o Abival disse: “Vamos pôr em ordem!”. Sem o apoio dele não se faria nada. E assim decidimos. Mas, havia uma luta – agora é o teu universo...

Zwinglio Mota Dias – Sim.

Antonio G. Mendonça – A luta do movimento ecumênico dentro da Igreja. Havia pastores, seminaristas, a juventude leiga da Igreja, que participavam intensamente de reuniões ecumênicas. Mesmo sem ser estudante de Teologia estive numa reunião de seminaristas em Diadema. Estavam lá luteranos que vieram de São Leopoldo. Aquela associação de estudantes de Teologia, lembra? Como era a sigla mesmo?

Zwinglio Mota Dias – Era ABETE, não é?

Antonio Gouvêa Mendonça – Havia um bom grupo lá, inclusive estudantes presbiterianos de Campinas. Depois os presbiterianos e os metodistas fecharam os seminários, lembra-se? Em 68.

Zwinglio Mota Dias – Sim, em 68.

Antonio G. Mendonça – Fecharam as portas. Esse período na Igreja foi complicado e se refletia na década de 70 dentro dos seminários. Nesse ponto, dois fatores complicaram minha vida na Faculdade de Teologia. Um deles foi, como não podia deixar de ser, a tentativa de reforma, aliás tentativa não, porque ela foi feita. Esbarrei com gente que estava lá há mais de 20 anos. Criou-se uma situação conflitiva que se prolongou por bom tempo. O outro foi provocado pela decisão do Roberto Lessa de ressuscitar um antigo órgão ecumênico chamado *Cristianismo*, que fora fundado pelo prof. Ernesto Then de Barros. Creio que foi o primeiro órgão ecumênico a aparecer no Brasil. O Lessa tentou, tentou porque não foi adiante, reeditar a revista e saiu um número meio precário que incluía um artigo meu, e o que foi pior, me colocou no conselho editorial. (*risos*) Que encrenca me arrumou! (*risos*) Onde já se viu, o reitor da Faculdade membro do conselho de uma revista ecumênica! Porque ecumenismo se confundia com comunismo. (*risos*) Você se lembra disso, não é?

Zwinglio Mota Dias – Sim, ... o nome cunhou a expressão “ecumenista”.

Antonio G. Mendonça – É, a confusão era de propósito.

Zwinglio Mota Dias – E ele vinha com “comunista”...

Antonio G. Mendonça – É... Num Sínodo, em Sorocaba, discutia-se um projeto que eu apresentara ao meu presbitério sobre a aceitação como membros da Igreja de casais não casados civilmente e que viviam há muito tempo em vida conjugal harmônica. Não havia ainda o divórcio. Eu entrara com esse projeto que chegou ao Supremo Concílio mas não passou. Um presbítero, discutindo a matéria, acusou-o de vir a ser o introdutor da prostituição na Igreja. Pois é, essas coisas acontecem... De repente, no auge do entusiasmo, talvez movido pela emoção, ele começa a falar em comunismo, misturando prostituição com comunismo e por aí a fora.... *(risos)* Eu estava sendo atingido diretamente e aguardava o momento para me defender. Impacientei-me e pedi um aparte e disse: “O Sr. quer dizer ecumenismo. É ecumenismo que o Sr. quer dizer, não é?” Respondeu: “Não, não, comunismo!” . Eu disse: “Bom, então o Sr. faça o favor de distinguir uma coisa da outra”. A resposta veio imediata: “Não, é a mesma coisa! Ecumenismo e comunismo são a mesma coisa!” *(risos)* Voltando ao caso da Faculdade de Teologia, três dos professores mais antigos não colaboravam com as mudanças que vinham sendo feitas e foram demitidos pela Fundação. Apelaram para o Supremo Concílio que se reuniu para julgar o recurso. Eu não era membro do Concílio e nem fui convocado para depor. Fiquei o dia inteiro esperando que a Comissão nomeada para dar parecer me chamasse. Não chamou. Pedi a alguém que fosse à Comissão e perguntasse. Foi e voltou com a resposta: não pretendia me chamar. De fato, estou esperando até hoje! E eu estava implicado naquilo tudo. Afinal, eu era o reitor. Reuniu-se o plenário para ouvir o parecer da Comissão. Os professores implicados falaram o tempo todo e eu, presente, não fui lembrado em nenhum momento. Não sendo membro do Concílio eu não podia me inscrever para falar. Pedi a um colega que era membro: “Peça à Mesa que me conceda a palavra”. A resposta do presidente da Mesa foi negativa. O presidente ignorou meus direitos mínimos. Pedi ao colega. “Apele para o plenário” conforme permite o Regimento como recurso contra presidentes

autoritários e arbitrários. Ele não apelou. Desinteressou-se. Não tive a oportunidade de me defender em nenhuma instância. Resultado: de repente, sem pedir demissão ou me demitirem formalmente, eu estava fora da Faculdade. Não era mais nem reitor nem professor. Registre-se que o Rev. Abival não era mais o presidente da Fundação quando aconteceram estes fatos. O então presidente ficou de fora. Omitiu-se. Certas coisas acontecem assim. Mas, as amarguras ficam, não é? Entretanto, quando a gente faz uma avaliação do passado (e faz tanto tempo!) a gente percebe que algumas coisas até que não deixaram de ser boas. No momento pareciam trágicas, mas para o futuro certas amarras foram rompidas apesar das amarguras e desapontamentos. Fui liberado para certas coisas, coisas que fiz com prazer, que me permitiram realizar-me dentro das minhas limitações. A gente, quando consegue chegar perto do próprio limite, a gente se sente realizado, não é? Sei que me aproximei bem do que eu seria capaz de fazer. Mas, o julgamento não me pertence. Pertence aos outros. Uns têm limites mais largos, outros mais estreitos, mas quando a gente se aproxima do próprio limite, a gente... (*sinalizando satisfação*) De maneira que eu chego ao fim da minha carreira “artístico-esportiva” ... (*risos*) sem mágoa. Acho até que me saí bem, apesar de tudo isso... (*risos*) Mas, não me canso de prestar homenagem aos irmãos metodistas... São abertos... Não sei, Zwinglio, você chegou a fazer avaliações dos para grupos protestantes no Brasil para ver as diferenças ente eles. Eu tenho pensado... Quando a gente fica velho... Não velho, muito velho! (*risos*) Porque velho é muito relativo, não é! Para os gregos a gente ficava velho aos 40 anos, a *akmê* se dava entre os 40 e 50 anos (*floruit*, a gente florescia...) Fulano floresceu na terceira Olimpíada. O sujeito tinha 40 ou 50 anos na terceira Olimpíada... (*risos*) Então, quando a gente fica muito velho, a gente pode dizer o que quer. Não fosse assim, eu não daria esta entrevista como estou dando. A maior parte das pessoas que mencionei já morreram, mas algumas estão vivas, já muito idosas, até mais do que eu, como o Rubens Damião, um companheiro, um grande amigo que tive e ainda tenho, embora distanciados um do outro pelas circunstâncias da vida. Quando o Daily faleceu o Rubens era o vice-presidente e eu era o segundo secretário do Supremo Concílio. Rubens assumiu a presidência até a reunião de 1972, em Brasília. Eram tantos os problemas que a Mesa estava dispersa. Formei uma dupla com Rubens e andávamos de baixo para cima

tentando arrumar algumas coisas porque a crise era grande: de um lado os conservadores anti-ecumênicos nos acuavam fazendo exigências, acordos... de outro a ala dos avivados querendo de qualquer modo eleger o presidente. Os presbitérios acusavam a Faculdade de liberalismo e transferiam o boicote para os alunos não enviando suas mesadas. Alguns passaram a enviar seus candidatos para outras escolas. E eu não conhecia nenhum liberal naquela escola... *(risos)* Francamente! Mas, aí eles: “É liberal!” E a pessoa virava liberal imediatamente, mesmo que nem soubesse o que isso significava. *(risos)* E ecumênico, ou ecumenista... Também não conheci nenhum ecumênico lá. Mais tarde, realmente, militamos no movimento ecumênico por uns 20 anos, pertencemos à “tribo ecumênica” do Edin Abumansur... *(risos)*

Zwinglio Mota Dias – É, do Edin.

Antonio G. Mendonça – Mas, naquele momento não, o carimbo fôra do jornal *Cristianismo*, aquele reeditado pelo Roberto Lessa. Então, o que aconteceu foi que o reitor da Faculdade, o Rubens Damião, era também presidente em exercício da Igreja pelo falecimento do presidente. Como já disse, houve uma pressão muito grande da Igreja contra a Faculdade. Naquele ponto eu ocupava o cargo de deão da Faculdade e convivendo com os alunos via que estavam passando privações porque alguns presbitérios não enviavam as bolsas. Resultado: dispensaram a cozinheira da cooperativa deles. Começaram eles mesmos a cozinhar. Vocês imaginem... Mas, o que é que os meninos tinham com as rugas entre conservadores, liberais e ecumênicos ou ecumenistas? Jovens mal alimentados...

Luís Henrique Dreher – Fase de crescimento...

Antonio G. Mendonça – Foi uma situação difícil, não é? Complicada. Quando assumi a reitoria em 1975, conversei com o Presidente da Fundação e chegamos a um acordo: vamos transformar o curso de Teologia em curso noturno e assim os alunos poderão procurar um meio de se sustentar, caso contrário ficarão doentes ou irão todos embora. A Primeira Igreja Presbiteriana Independente de

São Paulo nos alugou dois andares do seu prédio ao lado do templo. Fomos para lá e fizemos um convênio com a ACM para abrigar os alunos que moravam fora de São Paulo até que se arrandassem de outro modo. Felizmente, naquele tempo, os empregos não eram tão difíceis. O problema foi sanado, mas vocês sabem, um curso noturno nunca tem as possibilidades de um curso diurno. O nível já não era dos melhores e com o curso noturno acumularam-se outros problemas. Mas, com o tempo a Faculdade, depois Seminário, encontrou melhor trajetória. A Fundação Eduardo Carlos Pereira comprou um bom prédio na rua Genebra, no centro de São Paulo.

Zwinglio Mota Dias – Ó... rua Genebra!

Antonio G. Mendonça – Voltamos a Genebra! (*risos, em alusão à Reforma de Calvino*) Um prédio de seis andares, se não me engano, ali perto da Câmara Municipal de São Paulo. Está bem instalado lá. O Seminário, embora com os problemas próprios de curso noturno, à semelhança das demais escolas teológicas situadas em São Paulo, mostra sinais de boa qualidade. Então. Como vocês percebem, aproveitei esta entrevista, que está mais para bate-papo, para fazer uma “hora da saudade”. (*risos*) Passei por perto de uma quase autobiografia, coisa que não vou fazer. Não gosto de autobiografias. Pensei em escrever uma para mim mesmo. Desisti. Alguém poderá encontrá-la...